

Social

ENTRE DEPOIMENTOS E POEMAS, LIVRO MOSTRA O CÂNCER PELO OLHAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRATAMENTO

A linguagem dos anjos

Sem lembrar ao certo a data, o empresário Valdir Salvador conta sobre uma reportagem que assistiu na TV. “A repórter entrevistava crianças com câncer, que falavam de seus sentimentos. Eu olhei para a Rose, minha mulher, perguntando se a gente poderia fazer alguma coisa. Senti necessidade de ajudar”, recorda. Nesse momento, Valdir, que é dono de uma gráfica, teve a ideia de fazer um livro sobre o universo infantil diante do câncer. Na obra, da mesma forma que falavam, as crianças escreveriam sobre como é viver as dores e privações decorrentes da doença. A proposta era bancar todos os custos com a edição, e o lucro com a venda dos exemplares seria revertido para a ajuda no tratamento desses pacientes.

Morador de Cascavel (PR), Valdir procurou a União Oeste Paranaense de Estudos e Combate ao Câncer (Uopecan)/Hospital do Câncer de Cascavel. A proposta passou pela aprovação da Direção e da equipe multidisciplinar (oncologia pediátrica, psicóloga, enfermeira e pedagoga). Assim nasceu o livro *Anjos do bem*, com 63 histórias e poemas de crianças e adolescentes em tratamento no hospital e algumas participações de funcionários. A publicação começou a ser escrita em junho de 2014 e foi lançada em novembro. A primeira edição, com 500 exemplares, se

esgotou em um mês. Empolgada com a repercussão, a Direção do hospital conseguiu patrocínio para bancar mais mil unidades e já há planos para fazer uma segunda edição.

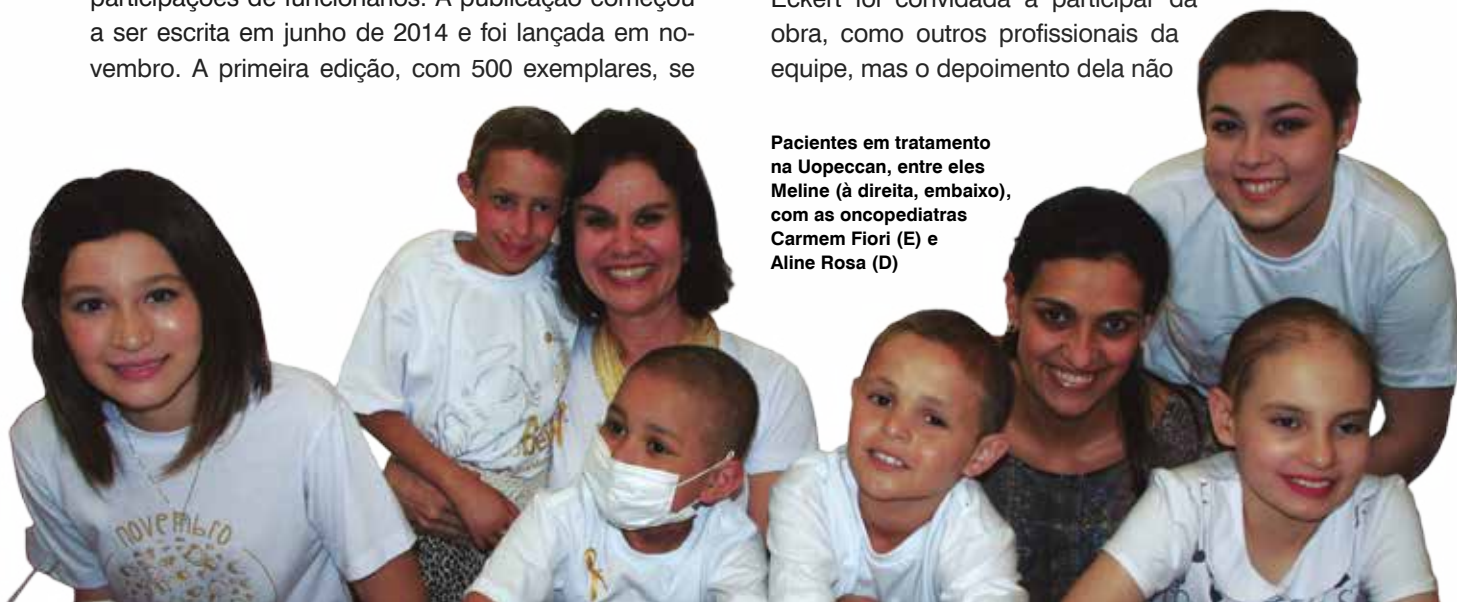
CARTAS PARA DEUS

Meline Guimarães Lima, de 14 anos está em tratamento há dois anos e três meses – no momento faz suas últimas sessões de quimioterapia. Portadora de um astrocitoma (tumor na cabeça), foi uma das adolescentes que aceitaram contar sua história e “amou” a experiência.

“Foi muito bom! Foi uma experiência muito diferente na minha vida. A sensação de ser autora por um dia e ter minha história contada e ilustrada num livro é surpreendente e desesperadora ao mesmo tempo! Imagina centenas de pessoas lendo o que você escreveu? Nossa que coisa louca!”, conta, com a empolgação típica de qualquer menina da mesma idade.

Além de mostrar o sentimento dos pacientes, o livro também traz histórias interessantes de pessoas que os acompanham. A nutricionista Raquel Goreti Eckert foi convidada a participar da obra, como outros profissionais da equipe, mas o depoimento dela não

Pacientes em tratamento na Uopecan, entre eles Meline (à direita, embaixo), com as oncopediatras Carmem Fiori (E) e Aline Rosa (D)





Minha pequena Fifi

Sou Alisson Ryan, tenho sete anos, moro em Cascavel e estudo na Escola Municipal Hemes Vezzano. Gosto muito de estudar, pois minha escola é bonita, tem parquinho, e a aula que mais gosto é Educação Física.

Estou em tratamento da leucemia LLA há 15 dias. Foi uma surpresa para todos esta minha doença, pois estava bem, brincando e indo para a escola, tudo normal. De repente, começou uma forte dor nas pernas e na barriga. Era noite quando minha mãe me levou no PAC. Logo depois, fui encaminhado para o hospital HU onde fiquei na UTI por três dias até conseguir vaga na Uopecan.

Estou um pouco assustado com tanta medicação, a quimio me deixa com vontade de não fazer nada, tudo ainda é muito novo. A cada dia sei de alguma coisa que não posso fazer, a minha vida mudou muito.

Eu e minha família vamos mudar alguns hábitos e o que me deixou mais triste é que não posso ter contato com os animais. Tenho uma cachorrinha que se chama Fifi e vou achar alguém que cuide dela até eu ficar melhor. Quero voltar a dançar com minha Fifi...

Alisson Ryan Pire Cebuliski (7 anos)
Cascavel, PR (26 de agosto de 2014)

se limita à descrição de seu dia a dia. A relação de Raquel com a Uopecan teve início quando o pai da nutricionista descobriu que estava com câncer e se internou no hospital. “Quando meu pai ainda estava vivo (ele morreu em janeiro de 2009), encaminhei meu currículo para cá. Apesar de recém-formada, eu já gostava da área de nutrição hospitalar. Em setembro do mesmo ano, fui contratada. Tenho verdadeira paixão pelos meus ‘pacientinhos’ e pela instituição”, comenta.

E a paixão pelos “pacientinhos”, como fala Raquel, pode ser explicada pelas palavras que eles mesmos colocam no livro. Gustavo Batista tem 5 anos e há três foi diagnosticado com leucemia. Como não sabe escrever, ele ditou as palavras para a mãe, Clarice Batista. Em seu texto, intitulado *Uma carta para Deus*, Gustavo pede ao Senhor para que não caiam mais os “cabelinhos” e que a química não faça mais “feridinhas” na sua boca, pois, por esse motivo, fica em isolamento.

A psicóloga Maria Inês Melo, que participou da elaboração do projeto, conta que não houve dificuldade em reunir os depoimentos. Eles foram coletados no ambulatório, mediante as agendas de consultas, e na internação. “As crianças foram convidadas a participar, e a adesão foi satisfatória. Elas escolheram sobre o que gostariam de escrever. Os não alfabetizados relatavam suas histórias, e os professores transcreviam na íntegra junto aos pais”, detalha.

EXTRAVASAMENTO DE EMOÇÕES

Durante o tratamento, situações indesejadas passam a compor a nova rotina da criança, como a separação da família, dos amigos e dos objetos de seu convívio, a interrupção da escola, a diminuição da experimentação e da exploração, restrições alimentares, procedimentos dolorosos e invasivos, o ambiente desconhecido, o convívio com pessoas estranhas. São perdas significativas que rompem o cotidiano dos pequenos e causam sofrimento.

A doença e a hospitalização desencadeiam uma série de novas e desagradáveis sensações nas crianças, como estresse, medos, angústia, solidão, ansiedade, hostilidade, frustração, depressão, insegurança, apatia, irritação e sofrimento. Além disso, podem provocar alterações no desenvolvimento físico, motor, social e psicológico.

De acordo com Kelyn Cristina Aires, da Gerência de Assuntos Institucionais da Uopecan, uma das formas de facilitar a adaptação da criança a um ambiente totalmente estranho, bem como promover a adesão ao tratamento e o restabelecimento físico e emocional, é a inserção de propostas terapêuticas e lúdicas, como o livro. “O objetivo do livro é o extravasamento de emoções e não necessariamente o relato da própria história”, esclarece. ■